

# MATERIALISMO CULTURAL E TEORIA DA PRÁTICA: EDUCAÇÃO E ESCOLA TRANSITANDO ENTRE A BASE E A SUPERESTRUTURA

Aline Fagner de Carvalho e Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** Apresenta-se de forma ensaística uma reflexão sobre as relações possíveis da cultura como superestrutura não totalmente determinada, mas a mercê de relações dialéticas que estabelece com sua base. O materialismo cultural ou análise marxista da cultura restaura o elo perdido pelas interpretações deterministas do marxismo, por meio de retomada da relação dialética entre as forças que constituem uma dada totalidade. Aponto reflexões de Raymond Williams (1921-1988), em que o materialismo cultural apresenta-se como possibilidade de aprumar o marxismo de base determinista e superestrutura determinada. Retomo por esse autor ao mesmo tempo um “sistema de referência” que dá conta das transformações da sociedade que se avizinhava à Marx (1818-1883). Contextualizo um histórico dos marxismos que seguiram do século XIX para cá. O que se percebe na observação deste objeto no curso de seu movimento histórico, se desdobra na tentativa de situar a cultura, a educação e a escola como que transitando entre a base e a superestrutura, o que aqui chamo de ‘elo dialético’ que dá costura ao que nunca na realidade fora cindido, exceto nas ideologias. Por fim, sinalizo problematizar sobre certa convergência de análises entre o materialismo cultural e a praxiologia ou teoria da prática de Pierre Bourdieu (1930-2002), onde a dialética se realiza entre o campo e o *habitus*, por meio relacional da interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade.

**Palavras-chaves:** Materialismo cultural. Teoria da prática. Educação. Base (infraestrutura). Superestrutura.

## CULTURAL MATERIALISM AND THEORY OF PRACTICE: EDUCATION AND SCHOOL TRANSITING BETWEEN THE BASE AND THE SUPERSTRUCTURE

**Abstract:** A reflection on the possible relations of culture is presented in an essayistic way as a superstructure not entirely determined, but at the mercy of dialectical relations that it establishes with its base. Cultural materialism or Marxist analysis of culture restores the link lost by deterministic interpretations of Marxism, by resuming the dialectical relationship between the forces that constitute a given totality. I point out reflections by Raymond Williams (1921-1988), in which cultural materialism presents itself as a possibility to straighten up Marxism with a deterministic basis and determined superstructure. I return to this author at the same time as a “reference system” that accounts for the transformations of the society that approached Marx (1818-1883). I contextualize a history of the Marxisms that followed from the 19th century to here. What is perceived in the observation of this object in the course of its historical movement, unfolds in an attempt to situate culture, education and the school as if transiting between the base and the superstructure, what I call here the 'dialectical link' that gives sews what was never actually split, except in ideologies. Finally, I signal problematize about a certain convergence of analyzes between cultural materialism and Pierre Bourdieu's praxiology or theory of practice (1930-2002), where the dialectic

---

<sup>1</sup> Cientista social pela UFG, especialista em docência da educação superior pela UEG, mestre e doutoranda em educação pela FE da UFG. Atua na docência, orientação e gestão da educação superior ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6576-7486>. E-mail: [alinefagner@hotmail.com](mailto:alinefagner@hotmail.com).

takes place between the field and the habitus, through the relationalization of the exteriorization and interiorization of interiority.

**Keywords:** Cultural materialism. Theory of practice. Education. Base (infrastructure). Superstructure.

## Introdução

“Hei-de apresentar aqui será sem dúvida [...] pesquisas [...] no estado que se chama *nascente*, quer dizer, em estado confuso, embrionário, trabalhos que, habitualmente, vocês encontram em forma acabada”. Pierre Bourdieu disse isso na *Introdução a uma sociologia reflexiva* (1999, p. 19) e eu poderia dizer o mesmo para introduzir a discussão que estão prestes a percorrer. É dessa forma que anuncio a ousadia deste trabalho, assumindo a complexidade de se problematizar os marxismos, especialmente em tempos em que se agudiza sua perseguição acrítica em detrimento de sua crítica evolutiva.

Trago como ponto de partida e recorte de observação o *materialismo cultural*, também chamado de *teoria da cultura marxista* e de *análise marxista da cultura*. Recorro às descrições de Raymond Williams (1969, 1979, 2011) para contrapor a noção de *determinação*, presente nas traduções e citações mais popularizadas de Marx, e a retomada da noção de *relação* existente entre os elementos que constituem a sociedade contemporânea como totalidade, pondo em movimento o que une principalmente as noções marxistas de base e superestrutura.

O nome de Williams figura, na década de 1960, entre aqueles pertencentes a denominada nova esquerda no Reino Unido, fundado na teoria da cultura marxista, aqui chamada a partir de agora, de materialismo cultural. Williams contribui com o movimento, em meados do século passado, ao repor as tintas nas relações dialéticas entre base e superestrutura. Reconsidera as “determinações” da economia, que leva a uma limitada interpretação marxista da cultura como determinada tão somente.

A partir daí, o ponto central que aqui se desenvolve é o entendimento da cultura como superestrutura, mas fundada em elementos básicos, ou infraestruturais (base). Em certa análise, se por superestrutura se entende os produtos imateriais das relações sociais, a cultura como sua representante não poderá ser compreendida caso não se considere ela própria como constitutiva e constituída de elementos da base, ou seja, infraestruturais.

A cultura como superestrutura não pode prescindir da base e com ela funda relações dialéticas que turvam as fronteiras conceituais e acarretam apreensões míopes de importantes categoriais analíticas, tanto no âmbito da economia política, como nos debates sobre a cultura e, especialmente, aqui pensado nas teorias da educação. Neste sentido, a educação (formal, informal e/ou não formal) se apresenta como um determinado recorte imaterial da cultura e por sua vez da própria superestrutura. Assim também a escola (concreta, formal e sistematicamente estruturada) se apresenta em relação dialética de produção e reprodução da vida social e, por sua vez, da produção de uma consciência correspondente. Assim, Marx é melhor compreendido na passagem em que diz que “é o ser social que determina a consciência”.

Encerro o texto apontando, como problemática a ser aprofundada em trabalhos futuros, uma convergência teórica e histórica entre esse materialismo cultural e um “certo tipo de estruturalismo” que chamaremos aqui de teoria da prática de Pierre Bourdieu, que se fundava como proposta metodológica para as ciências sociais também por volta dos anos de 1960. As problemáticas em torno do marxismo, decorrem hoje e desde sempre dos movimentos de ajustamento nunca fáceis e nem sempre apropriados entre uma teoria, mesmo depois de reconhecida como clássica, e o tempo histórico em que ela é retomada. Principalmente quando se propõe

problematizar o marxismo no campo da cultura ou problematizar a cultura pelo método marxista.

No Brasil de 2016, depois de consumado um *impeachment* por alguns chamado de golpe ou um golpe dissimulado de *impeachment*, que contou como muitas vezes no passado, com a demonização do pensamento marxista, por ter se fundado no antagonismo entre esquerda e direita. Assim a discussão se apresenta ainda mais problemática, além de totalmente justificável pela necessidade de aplicação do método marxista a si mesmo.

### **Análise de Pronunciamentos de Raymond Williams: uma época de transformação em cinco palavras e se elas perduram**

Desde que Marx e seu parceiro Engels estruturaram a crítica de uma economia política, em fins do século XVIII e no século XIX, tendo como cenários culminantes as Revoluções Industrial e Francesa, instauradas e instauradoras de uma nova época, o marxismo se põe à prova por seu próprio método. As ideias de Karl Marx já traziam problematizações radicais entre a vida social e a consciência de uma época, muito além das ingênuas interpretações que via nesta afirmação apenas a simplista determinação da superestrutura pela infraestrutura.

Mais tarde os desdobramentos do pensamento marxista ao atravessar os diversos contextos de tensão e expansão que figuram no século XX oscilaram entre, o determinismo econômico sobre um campo cultural determinado, de um lado e, de outro, um sistema de referência social mais complexo que busca compreender as relações dialéticas entre base e superestrutura e que dão conta da sociedade moderna. Habita neste ponto o materialismo cultural como análise da teoria marxista da cultura, do qual Raymond Williams é representante, como possibilidade de retomar

e ampliar o debate marxista a fim de superá-lo, no sentido da autoaplicação de seu método, o materialismo histórico e dialético.

Ao relatar seu próprio percurso pelo marxismo, Raymond Williams percebe em certo momento que se deparava com um marxismo diferente do que ele conhecia até ali. O percurso mesmo da sociedade capitalista, já daria conta das nuances dadas ao marxismo em cada momento histórico particular desde Marx até os dilemas vividos no Brasil a partir da segunda década do século XXI.

Na introdução ao seu texto intitulado *Cultura e sociedade*, Williams indica um “sistema de referência” em cinco palavras para marcar o contexto de 1780 a 1950: indústria, democracia, classe, artes, cultura (1969, p. 16). A primeira é indústria no sentido coletivo do processo produtivo. Indústria como indicativo de instituição, na forma de empresa o que trazido para o Brasil de 2016 não destoa em nada do sistema de referência atual, especialmente quando trazido para o campo da educação. A segunda palavra é democracia, referindo-se à revolução norte americana e francesa de governo do povo pelo povo. Embora decapitada nas promessas do iluminismo e da revolução francesa, a democracia nunca foi tão intensamente evocada, seja para sua “proteção”, seja para seu “fortalecimento”. Classe, a terceira palavra, “é mais indefinida como categoria ou ordem” que adquire seu sentido social mais moderno se referindo a *ordens ou classes inferiores*. Surgindo, em seguida, na última década do século XVIII, referências às:

[...] classes altas; e logo depois, classe média e classes intermediária; classe trabalhadora surge aproximadamente em 1815; classes superiores, por volta de 1820. Preconceito de classe, legislação de classe, consciência de classe, conflito de classe e guerra de classe surgem no decorrer do século dezanove (WILLIAMS, 1969, p. 17).

Todas as aplicações da palavra classe acima demonstradas por Williams ao longo dos séculos XVIII e XIX, perduram ainda no sistema de referência que marca as transformações que perpassaram o século XX e que ainda perpassa o corrente século

XXI. Século este que avança em sua segunda década trazendo as marcas dinâmicas de um capitalismo que se complexifica sobre os mesmos fundamentos de sua origem.

Arte, a quarta palavra destaca um particular grupo de atividades, além de pessoas habilidosas, um particular tipo de verdade, um particular tipo de pessoa, em 1840. A arte se agrupou em um conjunto de expressão comum. “Essas mudanças [...] registraram notável alteração de ideias quanto à natureza e o propósito da arte e quanto a suas relações como outras atividades humanas e com a sociedade como um todo” (WILLIAMS, 1969, p. 18). O que podemos considerar que se passa ainda hoje, pelo próprio espírito que define a arte.

Cultura é a quinta palavra que Raymond Williams destaca. A mais importante, segundo ele, já que este é “o vocábulo que, melhor do que qualquer outro, traduz aqueles traços, em toda a sua complexidade”, os traços de um quadro geral de mudança. Sobre a qual, falaremos especificamente no próximo tópico de forma a introduzir o materialismo cultural, a teoria marxista da cultura, a partir do pensamento de Williams.

As cinco palavras analisadas nos pronunciamentos de pensadores do século XIX, indústria, democracia, classe, artes e cultura, que Raymond Williams destaca são por ele consideradas “pontos básicos a partir dos quais se delineia esse sistema de referência” (WILLIAMS, 1969, p. 15).

O século XXI que prometia insurgir como o futuro, amanheceu com cara de “mais do mesmo” sistema de referência que, segundo Williams, se apresentava para os tempos do velho Marx. Isso justifica que as percepções marxistas persistam, ainda que dividindo espaço, não sem tensão, com correntes teóricas e políticas mais liberais, gerenciais, e até conservadoras, ou mais a direita, na velha disposição antagônica com a esquerda onde o marxismo, ainda que apenas simbolicamente, ocupa lugar de honra.

## **Materialismo Cultural: o determinismo na noção de fixar limites e exercer pressões**

Para além do seu nascedouro como ciência e método, pelas mãos do próprio Marx, ou em conjunto com Engels, os marxismos que deste se desdobraram são construídos historicamente. Como nos mostra a trajetória de Raymond Williams por ele mesmo narrada, o marxismo tem sido construído mais por experiências políticas e econômicas que pela crítica advindas das obras de Karl Marx e seus debatedores mais sérios. Segundo o próprio autor:

[...] meus primeiros contatos com a argumentação literária marxista ocorreram quando cheguei a Cambridge para estudar Inglês, em 1939: não entre os professores, mas no debate generalizado com os alunos. Eu já conhecia a análise e a argumentação política e econômica marxista, ou pelo menos socialista e comunista. (WILLIAMS, 1979, p. 07).

Embora debatida por muitos, visto o caráter popularizado do ideário marxista, seus debatedores, opositores e, mesmo seguidores dificilmente vão além das primeiras páginas da sua obra mais famosa, *O Capital*. O fato é que o pensamento de Karl Marx foi por pouquíssimos lido para além dos prefácios de edições, da introdução à crítica a uma economia política e do capítulo sobre a Mercadoria, por ser o primeiro de *O Capital*.

Ao avançar na narrativa do seu percurso pelo marxismo, Williams ainda destaca que:

Foi nessa situação que senti a emoção do contato com trabalhos marxistas mais novos: a obra final de Lukács, a obra final de Sartre, a obra em evolução de Goldmann e de Althusser, as sínteses variáveis e em processo de marxismo e *certas formas de estruturalismo*. Ao mesmo tempo, dentro dessa significativa atividade nova, houve acesso também a obras mais antigas, notadamente e a da Escola de Frankfurt (em seu período mais significativo, nas décadas de 20 e 30) especialmente a obra de Walter Benjamin, a obra extraordinariamente original de Antonio Gramsci e, como um elemento decisivo de um novo senso de tradição, a obra de Marx em nova tradução, especialmente o *Grundrisse*. (WILLIAMS, 1979, p. 10, grifos meus)

Como ciência e método, o marxismo na sua origem toma como objeto de estudo a sociedade capitalista a partir da dimensão mais concreta da produção social, das relações sociais, na produção do ser social, chamados de base ou infraestrutura e de

sua consciência, por conseguinte, tomada aqui como cultura, situada em primeira análise no âmbito da superestrutura. Assim compreendido, o marxismo orbitaria no âmbito da economia política, onde situa o objeto da análise de Marx como seu ponto de partida. Mas em segunda análise, os desdobramentos do capitalismo tanto quanto os desdobramentos do marxismo deverão problematizar sobre as implicações dialéticas que se interpõem na relação entre base e superestrutura tomando como ponto de partida, desta vez, o que há de básico nas questões de cultura e, portanto, também pode se perguntar o que há de básico nas questões educacionais e escolares.

A superestrutura como ponto de partida apresenta a cultura como objeto de atenção e, mais especificamente, apresenta a educação e a própria escola também como parte componente da superestrutura, apesar da materialidade da escola.

A influência do marxismo empírico e algum “tipo de estruturalismo”, que suspeito estar Williams se referindo ao estruturalismo genético de Bourdieu sugere espaço para uma problematização sobre a convergência entre o materialismo cultural e a praxiologia ou teoria da prática de Bourdieu. Surge aquela que seria conhecida como nova esquerda na Grã-Bretanha. Raymond Williams faz parte do quadro teórico que fala pelo movimento.

Ao levantar as qualificações e alterações que o termo superestrutura sofreu ao longo da história do marxismo, Williams constrói sua descrição a partir do termo relação em contraposição ao termo determinação e encontrando assim, três fases. Na primeira fase apresenta

a noção mais simples de superestrutura é a de “reflexo”, que segundo o autor está longe de ser abandonada. A superestrutura nesta perspectiva é “a imitação ou reprodução da realidade da base na superestrutura de uma forma mais ou menos direta. (...) Essa foi a primeira fase da qualificação do conceito de superestrutura: com efeito, uma qualificação operacional” (WILLIAMS, 2011, p. 45).

Embora o processo da relação em si tenha sido tomado como ponto substancial da análise na segunda fase, essa “deu origem à noção moderna de ‘mediação’, na qual algo mais do que um mero reflexo ou reprodução – por certo, algo radicalmente diferente tanto da reflexão quanto da reprodução – ocorre ativamente” (WILLIAMS, 2011, p. 46 – grifo do autor).

A terceira fase, já no século XX apresenta a noção de “estruturas homólogas”, “pela qual pode não haver uma similaridade direta ou facilmente detectável, e certamente nada como reflexo ou reprodução, entre o processo superestrutural e a realidade da base, mas na qual há uma homologia ou correspondência essencial das estruturas que pode ser descoberta pela análise” (WILLIAMS, 2011, p. 46).

Williams toma a base como processo e não como um estado, em que a base é “a existência social real do homem. ‘A base’ são as relações reais de produção que correspondem a uma fase do desenvolvimento das forças produtivas materiais. ‘A base’ é um modo de produção em um determinado estágio de seu desenvolvimento” (WILLIAMS, 2011, p. 46) todas características já apontadas por Marx.

Assim, Williams sugere verificar os elementos básicos ou infraestruturais, nas questões da cultura. É grande a contribuição de Williams para a formulação de um materialismo cultural. Para esse autor

a cultura não foi apenas uma resposta aos novos métodos da produção – à nova *Indústria*. Ligava-se também aos novos tipos de relações pessoais e sociais, constituindo, repito, um reconhecimento de separação prática e uma forma de acentuar alternativas. A ideia de *cultura* seria mais simples se fosse resposta ao industrialismo apenas; foi, porém, resposta a novos desenvolvimentos políticos e sociais, isto é à *Democracia*. Em relação a esta é resposta radical e complexa aos novos problemas de *classe social*. Além disso, ao mesmo tempo em que essas respostas definem consequências e comportamentos na área exterior sob exame, há, ainda, na formação dos significados de *cultura*, referência evidente a um âmbito de experiência pessoal e, aparentemente, privada, que iria afetar profundamente o sentido e a prática da *arte*. Esses são os primeiros estágios da formulação da ideia de *cultura*; mas seu desenvolvimento histórico é, igualmente, importante. (WILLIAMS, 1969, p. 20).

Dessa forma, Williams nos propõe abandonar a clássica passagem de Marx que diz de uma base determinante e de uma superestrutura determinada, para tomar

como ponto de partida a relação e não a determinação presente em outra importante passagem da obra de Marx, que diz que o “ser social determina sua consciência”. Tal exercício não pode prescindir, portanto, de uma ressignificação do polêmico termo “determinação”. Williams propõe que o termo deveria portar um sentido de relação para além da simples determinação:

Há claramente uma diferença entre um processo de fixar limites e exercer pressões seja por alguma forma externa ou por leis internas de um desenvolvimento particular, e aquele outro processo em que um conteúdo subsequente é essencialmente prefigurado, previsto e controlado por uma força externa preexistente. Contudo, é justo dizer que, olhando para muitas aplicações da análise cultural marxista é o segundo sentido – a noção de prefiguração, previsão ou controle – que muitas vezes tem sido utilizado, explícita ou implicitamente (WILLIAMS, 2011, p. 44).

Assim, o elo perdido da jovem ciência moderna parece ser resgatado quando o marxismo, depois de intensamente explorado em seu caráter determinista por alguns marxistas e muitos de seus opositores, renasce aberto e flexível principalmente a uma abordagem mais relacionalmente dialética entre a base e a superestrutura, onde a cultura figura como elemento determinado e ao mesmo tempo determinante.

Neste caso a questão se repõe segundo o próprio método marxista, ou seja, na relação recíproca e contraditória, a que eu entendo como retomada do elo dialético, perdido nos primeiros marxismos, entre a base e a cultura, entre a infra e a superestrutura, entre a vida material e os seus produtos imateriais, ou entre a economia e a sociedade e, em última instância, entre sujeito e objeto e subjetivismo e objetivismo.

No decorrer de tais reflexões uma problemática é recorrentemente provocada. Seguindo uma discussão interdisciplinar entre as ciências da educação e as ciências sociais, incluindo mais enfaticamente a sociologia e a ciência política, estive provocada sobre um possível trânsito das questões educacionais do âmbito da superestrutura para a infraestrutura, ou base. O trânsito da educação, que a princípio compreendida como um elemento da vida imaterial, nas relações dialeticamente

sociais, se define como uma consciência educacional e educativa que se materializa em alguma prática histórica por meio das escolas e seus sistemas formais. Assim a educação formalmente estruturada poderia ser percebida, em seus princípios e fins, como cultura e, portanto, superestrutura, mas superestrutura constituída e constitutiva de elementos básicos.

Os sistemas de ensino público cada vez menos estatal, instaurando o quase mercado, se racionalizam tratando cada vez menos a educação como direito e cada vez mais como serviço. Independentemente das leituras mais à direita ou mais à esquerda das possibilidades práticas que se delineiam no caso dos sistemas de ensino oficiais, em ambas as perspectivas se apresentam os elementos básicos na superestrutura e vice versa. No caso da sociedade capitalista, o projeto moderno de educação e de escola ao mesmo tempo em que as estruturam como mercadoria, define os modos de sua produção, sua distribuição, sua troca e seu consumo (MARX, 1982) por uns e não por outros.<sup>2</sup> O que trata, a meu ver, de colocá-las, educação e escola, em trânsito ou como elo dialético, entre a base e a superestrutura.

É claro que o elo dialético mais evidente que a educação e a escola estabelecem com a base é sua relação com o mundo do trabalho. Em si o compromisso da educação oficial brasileira com a preparação de mão de obra é fundante dos sistemas formais de educação, tanto no nível básico e, principalmente, no superior, além da formação para a cidadania. Mas na atual quadra da história, a presença determinante de elementos básico da racionalidade do capitalismo, faz com que a cultura, e, portanto, a educação e a escola, conviva com sucessivas reformas na educação formal e estruturada, com tendências cada vez mais pautadas por

---

<sup>2</sup> Bourdieu ajudar a avançar nesta questão com os sistemas de classificação, desclassificação e reclassificação, citados rapidamente mais adiante.

princípios de mercado e até diretamente geridas por organizações sociais privadas, nas tais PPP (Parcerias Público Privado).

Contudo, aos estudantes como mercado consumidor resta um tipo de educação tratada tendencialmente como mercadoria que se possa consumir, dentro de determinadas condições sociais. Poderia se discorrer, a partir daí, sobre o caráter de reprodução dos princípios hegemônicos deste sistema social e as possibilidades de uma contra hegemonia e emancipação, por meio da cultura e, portanto, da própria educação escolar, já que a mesma apresenta na sua materialização elementos de suas contradições básicas, inclusive as contradições de classe. No texto *Classificação, desclassificação, reclassificação*, Bourdieu, em 1978, fundamenta em dados quantitativos a limitada democratização do sistema educativo francês, além do processo de inflação de títulos escolares e da desvalorização correlativa que leva a intensificação da utilização da escola e a contribuição para a superprodução de diplomas, a partir da reorganização da morfologia e estrutura patrimonial de diferentes classes e frações de classe social daquele país entre os anos de 1962 e 1975. Para ele:

[...] a reconversão do capital econômico em capital escolar é uma das estratégias que permitem à burguesia de negócios manter a posição, de uma parte ou da totalidade de seus herdeiros, permitindo-lhes tirar antecipadamente uma parte dos benefícios das empresas industriais e comerciais sob a forma de salários, modo de apropriação mais bem-dissimulado – e sem dúvida, mais segura – do que a renda” (BOURDIEU, 2013, p. 175)

Neste sentido, as classes populares, que não davam tanta importância ou aceitava sem muita consciência a ideologia da “escola libertadora”, depois de passarem pelo ensino secundário descobriam, “mediante a relegação e a eliminação, a escola conservadora” (BOURDIEU, 2013, p. 181).

### **3 Aproximações Teóricas do Materialismo Cultural com um Certo Tipo de Estruturalismo: Williams e Bourdieu**

No limite do exercício de interlocução teórica, o marxismo de Williams poderia dialogar com a teoria da prática de Bourdieu, como sendo um certo tipo de estruturalismo, chamado pelo próprio Bourdieu de estruturalismo genético:

Se eu gostasse de rótulos, diria que tento elaborar um estruturalismo genético: análise das estruturas objetivas – dos diferentes campos – é inseparável da análise da gênese, no seio dos indivíduos biológicos, das estruturas mentais que são, em parte, o produto da incorporação das estruturas sociais e da análise da gênese destas próprias estruturas sociais (BOURDIEU, 1987 apud BONNEWITZ, 2003, p. 16).

O exercício de compreensão neste ponto é o de aproximar e relacionar as ideias de Williams e Bourdieu. Este último submete toda a ciência social à autocrítica quando procura retomar a compreensão do objeto desta ciência remontando de forma mais totalizante e equilibrada as determinações recíprocas entre estrutura e sujeito, entre campo e *habitus*, entre sociedade e agente social. Na visão de Bourdieu, ainda que algumas situações sociais tendam à reprodução, a totalidade relacional atravessada de dominações define mudanças mais ou menos radicais no movimento e na dinâmica da sociedade. A antropologia já marcou o estruturalismo como definição de cultura desde Lewis-Strauss e Marcel Mauss.

Epistemologicamente, onde está o exercício relacional que proponho, para Bourdieu:

Trata-se de escapar ao realismo da estrutura ao qual o objetivismo, momento necessário da ruptura com a experiência primeira e da construção das relações objetivas, conduz necessariamente quando hipostasia essas relações ao trata-las como realidades já constituídas fora da história do indivíduo e do grupo, sem recair, no entanto, no subjetivismo, totalmente incapaz de dar conta da necessidade do mundo social: para isso, é preciso retornar à prática, lugar da dialética do *opus operantum* e do *modus operandi*, dos produtos objetivados e dos produtos incorporados da prática histórica, das estruturas e dos *habitus* (BOURDIEU, 2009, p. 86).

Ambos, Williams no interior do marxismo e Bourdieu no interior da ciência social, estavam a desfazer os determinismos econômicos, infraestruturais ou do campo e equilibrando pelo elo dialético com culturalismo, *habitus* ou subjetivismo. A substituição da determinação pelas relações recíprocas e contraditórias diversas dentro de qualquer sistema de referência. Tanto num como no outro o foco na relação

e caráter relacional definem mutuamente a cultura e sua base. “Trata-se de construir um sistema coerente de relações, que deve ser posto à prova como tal” (BOURDIEU, 1999, p. 32).

Ao que Williams chama atenção em seu texto *Cultura e Materialismo* é sobre a presença e o sentido da palavra “determinação”, que traduziu do alemão a expressão *bestimmen*, na obra de Marx. A expressão Marx utilizou para definir o tipo de relação dada entre base e superestrutura na constituição da burguesa.

Também Williams acentua seu olhar marxista para a história da cultura ao problematizar sobre as peculiaridades do trabalhador produtivo hoje, no que se refere ao desdobramento do que Marx chama de infraestrutura ou base e sua relação com a superestrutura, ou cultura. O que sugiro que se aplique aos profissionais de educação que atuam produtivamente dentro e fora da escola, no campo da cultura.

Williams exemplifica tais elementos no homem que produz o piano, o que distribui o piano e o que toca o piano. A proposta metodológica de Williams é encontrar elementos básicos na superestrutura, ou dito de outra forma, encontrar a cultura que se desdobra na base, seja essa cultura dominante, opositora ou alternativa (WILLIAMS, 2011, p. 56). Ou seja, reestabelecer o elo dialético que o estruturalismo homologa propõe ao ver elementos básicos e, portanto, materiais nas questões imateriais da produção do homem ou da mulher que toca o piano ou que toca a educação formal escolar, por exemplo.

O cerne da leitura que se apresenta em Williams, e que se mostra como contraponto a uma possível interpretação determinista da teoria marxista, é que a relação entre base e superestrutura, não se explica pela determinação mecânica, automática, ou estática de uma pela outra. A base ou infraestrutura, em outras palavras, são as relações sociais de produção da vida como um todo, que se manifestam nas próprias atividades de homens e mulheres.

Desde que Marx e Engels escreveram sobre a *Ideologia Alemã* e outros aspectos da história cultural, evidenciam o capitalismo como forma historicamente determinada das relações produtivas. Contudo para Williams, quando se fala de base, “fala-se de processo e não de um estado” (WILLIAMS, 2011, p. 47). Sendo assim, a base não se apresenta como uma abstração externa às pessoas e que dita os comportamentos das classes por meio de uma “falsa consciência”, mas como hegemonia advinda diretamente das próprias atividades dos homens e mulheres nas relações de produção. Para Bourdieu não se trata de uma teoria prescritiva, mas antes compreensiva, dando sua pitada weberiana na síntese do diálogo teórico que empreendeu com os clássicos da sociologia.

Assim, o conceito de ideologia como algo falso não dá conta da complexidade que marcaria a relação entre base e superestrutura, entre economia e política ou cultura, entre o ser social e sua consciência. “Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real” (THOMPSON, p. 274)<sup>3</sup>. É por isso que segundo o método marxista o entendimento de uma dada sociedade deve ser fundamentado no estudo de sua realidade mais desenvolvida.

Diante no atual desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais de produção, uma importante pergunta se põe hoje: como os trabalhadores educacionais, sendo a educação tratada como direito ou como serviço mercadoria, que se intensifica nos últimos dias no Brasil, como foram os casos da Reorganização da Educação de São Paulo, as O.S. em Goiás e a Reforma do Ensino Médio pós “*Impeachment*” e por medida provisória. Nesta quadra da história quem se apresenta como classe e, conseqüentemente, em que termos possuem consciência de si? Destaco, esta oportuna questão aplicada aos trabalhadores e trabalhadoras da

---

3 Thompson assim como Williams também figurava no contexto de novos contornos da esquerda e do marxismo dos fins da década de 1970, na Inglaterra.

educação e docentes, sendo classificado pelo trabalho produtivo ou não, no setor de serviço, ou no campo do direito social, quando trabalhador do setor privado ou no setor público, como homens e mulheres em atividade, produtores e promotores de cultura. Daí a necessidade do método que se opõem à compreensão estática e uniforme, sendo “muito mais ativo, mais complexo e mais contraditório do que o desenvolvimento metafórico da noção de “base” poderia permitir que percebêssemos” (WILLIAMS, 2011, p. 47).

Em três capítulos dos *Escritos de Educação*, Pierre Bourdieu se refere a esses apontamentos ao aplicar ao campo de educação formal, um esforço do autor em aprofundar na compreensão do sistema educativo francês do século passado. Revela sua análise o compromisso que tal sistema tem de conservação de desigualdades sociais e culturais, ao contrário do que fazia crer a ideologia da “escola libertadora”.

No primeiro capítulo estudado, *A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*, Bourdieu, em 1966, descreve a diversificação e a diferenciação das etapas do sistema educativo francês e os complexos mecanismos objetivos que determinam a superseleção dos estudantes, a partir da origem social e sobretudo do capital cultural que essa origem social deixa de herança a tais estudantes. Segundo ele, estes dois fatores, origem social e capital cultural, que estão inter-relacionados e são determinados fora do contexto escolar, ou seja, principalmente no contexto familiar, é o que dará conta dos destinos da formação escolar e dessa forma atuará na conservação da estrutura hierarquizada da sociedade.

Ele reforça que a vantagem oferecida por essa origem social e pelo capital cultural não está relacionada com uma ajuda direta dos familiares nos afazeres escolares, mas sim num “*savoir-faire*, gostos e um “bom-gosto”, cuja rentabilidade escolar é tanto maior quanto mais frequentemente esses imponderáveis da atitude

são atribuídos ao dom” (BOURDIEU, 2013, p. 50). Destacam-se nesta herança cultural, principalmente a habilidade no manejo da língua materna das crianças oriundas das classes cultas e a um conjunto de informações e experiências extraescolares que auxiliam nas escolhas do *cursus* escolar, de certa forma já definidas pelo grupo a que elas pertencem, com base na conservação social.

Para os que não se julgam dignos de almejar destinos superiores aos de sua origem social, Bourdieu ressalta que a expressão “isso não é para nós” revela mais do que “não temos meios para isso”. Isto porque as responsabilidades do destino escolar são assumidas com uma condição subjetiva e não objetiva, como o autor revela em sua tese. Para ele, tais expressões são interiorizadas “no imperativo-indicativo, pois exprime, ao mesmo tempo, uma impossibilidade e uma interdição” (BOURDIEU, 2013, p. 52).

A desqualificação estrutural que afeta o conjunto dos membros da geração, destinados a obter de seus diplomas menos do que teria obtido a geração precedente, está no princípio e uma espécie de desilusão coletiva que incita essa geração enganada e desiludida a estender a todas as instituições a revolta mesclada de ressentimento que lhe inspira o sistema escolar (BOURDIEU, 2013, p. 182).

No capítulo *Os excluídos do interior*, Pierre Bourdieu e Patrick Champagne, já em 1992, retomam de forma sintética as transformações que afetaram o sistema de ensino da França desde os anos de 1950, reforçando as limitações do termo democratização e a conscientização por parte dos mais despossuídos das “funções conservadoras da escola libertadora” (BOURDIEU, 2013, p. 246). De certa forma reforça os princípios da escola conservadora apresentados no primeiro capítulo. Para os autores, a instituição escolar e suas relações com o espaço das posições sociais produz um crescente número de indivíduos “atingidos por essa espécie de mal-estar crônico instituído pela experiência do fracasso escolar [...], absoluto ou relativo e obrigados a defender, por uma espécie de blefe permanente, diante dos outros e

também de si mesmo, uma imagem de si constantemente maltratada, machucada ou mutilada” (BOURDIEU, 2013, p. 249).

O dilema da problemática entre a base e a superestrutura se funda nas noções de relações e determinações que marcam as interpretações no marxismo e na análise cultural marxista e de certa forma, da perspectiva do campo e do *habitus*, pela análise relacional presente na teoria da prática ou praxiologia de Bourdieu.

A cultura vista como objeto da vida social em seus componentes dá mostra de que são constituídos de elementos básicos. Esta seria a convergência com a proposição do representante da nova esquerda Raymond Williams por volta da década de 1960. “Quando estamos falando das bases estamos falando de um processo e não de um estado” (WILLIAMS, 2011, p.47), disse ele para o dilema do determinismo econômico atribuído à teoria marxista. Williams orienta que a relação social define o que aqui nomino de ‘elo dialético’ entre a base e a superestrutura. O foco da análise, portanto, se centra nas relações sociais de produção da vida material que não prescindem da vida imaterial que o legado do trabalho humano oferece ao acúmulo, ou não.

### **Considerações Derradeiras para o Momento**

O que a princípio me incomodou e por isso se apresentou como objeto de reflexão foi perceber a cultura, a educação e a escola, como que “transitando” entre a base e a superestrutura, justamente por seu sentido ao mesmo tempo estruturado e estruturante. Esse trânsito se opõe às interpretações marxistas mais economicamente deterministas ou culturalmente determinadas, que talvez me tenha sido mais inculcada ao longo da minha formação inicial. Nesta perspectiva mais economicamente determinista, o marxismo tende a situar a educação e a escola no âmbito tão somente da superestrutura e atribuem a elas, portanto, um sentido determinado.

Agora, proponho que imaginem quantos elementos básicos os sistemas educativos como parte da cultura e, portanto, da superestrutura, possuem. Comece pensando no corpo de profissionais e relações de trabalho, necessário para fazer girar a roda da educação. Pense isso acontecendo no debate e formulação das políticas e tendências educacionais até suas materializações pelo chão da escola.

O movimento do objeto de análise que a mim se ofereceu e me atraiu que por isso pude construí-lo inicialmente neste artigo, se sintetiza em três pontos norteadores: 1) a história contada pelo sistema de referência de Williams e a ênfase na palavra cultura; 2) o marxismo cultural como possibilidade de resgate do elo (dialético) perdido entre a base e a superestrutura em suas rasas interpretações; e 3) um exercício de aproximação epistemológica entre o materialismo cultural de Williams e a análise relacional proposta na teoria da prática de Bourdieu. Daí é possível situar a educação - como um todo e a educação formal e escolar em particular - como um campo específico e determinante da superestrutura, mas que se materializa nas relações sociais que a constitui e por isso não prescinde de elementos básicos, ou seja, infraestruturais.

Isso se daria quando a educação se institucionaliza na escola e quando, por exemplo, o trabalho docente assume as características da proletarização que definem, no limite, da mesma forma as relações de produção da vida material dos trabalhadores da indústria de base. Isso se agudiza nas atividades de professores e professoras quando das dissociações da dimensão política da sua atuação pedagógica.

Em suma, o elo dialético nunca ausente na ciência e no método propostos por Marx, mas perdido em muitas interpretações marxista, deve ser reencontrado e reaplicado nas relações existentes entre todas as formas de antinomias que constituem as totalidades sociais, por meio de uma dialética que as diferenciam sem as cindir.

## Referências

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BOUDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (orgs.) 16ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. (Ciências Sociais da Educação).

BOUDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertand do Brasil, 1999.

THOMPSON, E. P. Algumas observações sobre classe e “falsa consciência”. In: NEGRO, Antonio Luigi e SILVA, Sergio (org.). **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora Unicamp, 2001.

WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. In: WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Unesp; 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zagar Editores, 1979.